

CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO: O TRAJETO DE DARCY RIBEIRO E OS PROJETOS UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL (1940-1970)

Social Sciences and Education: the passage of Darcy Ribeiro and university projects in Brazil (1940-1970).

Lorena Madruga Monteiro¹

RESUMO

A relação entre as Ciências Sociais e a educação no Brasil está historicamente ligada à esfera da política. Desde o movimento dos Pioneiros da Educação Nova, a relação entre as Ciências Sociais e a política quase sempre ocorreu através de projetos educacionais. Com Darcy Ribeiro não foi diferente, e ele levou para sua carreira pública todo o debate que estava ocorrendo no período. Desse modo, esta pesquisa reconstruiu sua trajetória e os processos políticos os quais se envolveu através da análise de dados secundários, privilegiando a temática educacional.

Palavras-chaves: Darcy Ribeiro, projetos universitários, Universidade de Brasília, Ciências Sociais.

ABSTRACT

The relation between Social Sciences and the education in Brazil is historically on to the sphere of the politics. Since the movement of the Pioneers of the New Education, the relation between Social Sciences and the politics almost always occurred through educational projects. With Darcy Ribeiro it was not different, and it it all took for its public career the debate that was occurring in the period. In this manner, this research reconstructed its trajectory and the processes politicians which if involved through the analysis of secondary data, privileging thematic the educational one.

Keywords: Darcy Ribeiro, university projects, University of Brasília, Social sciences.

Introdução

Historicamente, a educação no Brasil foi um bem escasso, privilégio de poucos. O ensino público, na época republicana e também posteriormente, não atingia toda a população de idade escolar, pelo contrário, eram destinadas as elites, por isso se sobressaíam em qualidade². Ainda no período republicano, foi criada uma rede de escolas privadas, em sua maioria ligada à Igreja Católica. Desse modo: “A educação acompanhou de perto a distribuição de renda no Brasil. Uma parcela infinita da população controlou historicamente os recursos e usufruiu convencionalmente dos benefícios da instrução” (BOMENY, 2001b, p.18).

¹ Doutoranda em Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora associada ao grupo de pesquisa sobre as Ciências Sociais na América Latina (CISOAL/UFRGS). Contato: lorena.madruga@bol.com.br

² Um exemplo de uma escola de ensino público que permanece como referência de ensino é o Colégio Pedro II.

As idéias de progresso, que impregnavam os discursos no início do século XX, trouxeram para o debate nacional a questão educacional. Essas idéias viam na profissionalização da população através da educação um meio do Brasil avançar, ou se igualar às nações consideradas *civilizadas*, mas acabaram não atingindo a maioria da população, os negros, que depois da abolição da escravatura não foram integrados na sociedade de classes brasileira³.

Esse quadro educacional, a partir de 1910, movimentou os intelectuais a lutar por políticas públicas para a educação nacional. Nessa década, mais de 80% da população era analfabeta. Nesse momento, foram propostos vários tipos de ações imediatistas, e sem base científica nenhuma para resolver o problema educacional brasileiro. O Movimento da Escola Nova surge como reação a esse tipo de solução pragmática para a questão educacional.

Em 1929, Anísio Teixeira voltava dos EUA, onde havia estudado na Universidade de Colúmbia e se aproximado das idéias pedagógicas de John Dewey. Através de seu amigo Monteiro Lobato, entra em contato com Fernando de Azevedo. Bomeny (2001b, p.41), ao analisar as cartas trocadas entre a *irmandade*⁴ (Monteiro Lobato, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo) ressalta dois fatores do cenário brasileiro das décadas de 1920 e 30: Primeiro a aguda consciência que tinham da extensão do problema nacional brasileiro, a educação e segundo, a crença, nunca mais reeditada na história brasileira, “de que em sua missão de intelectuais reformadores poderiam, pela educação, salvar o Brasil”.

O primeiro governo de Vargas (1930-1935) avançou muito no sentido de montar um sistema nacional de educação. Os pioneiros tiveram um papel decisivo na defesa de um sistema nacional de educação. Um fator importante foi à criação do Ministério de Educação e Saúde. Conforme Bomeny (2001b) foi à primeira iniciativa pela institucionalização de uma política para o setor. Francisco Campos foi o primeiro Ministro da Educação em 1930, e o movimento renovador começava a ver sua demanda contemplada de um sistema nacional de educação. A centralização da educação veio com a Reforma de 1931.

Havia muitos interessados em tomar para si o projeto educacional do país. A Igreja Católica foi a primeira que intervêm em todo o processo de formulação de uma política educacional nacional. Os renovadores estavam no centro da discussão, já que tinham tornado público seus ideais no *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932), que foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado por 26 educadores brasileiros que defendiam a *escola pública, gratuita e laica*.

A Igreja Católica reagiu contra os Pioneiros, pois queria fortalecer a rede privada de escolas confessionais e garantir a obrigatoriedade do ensino religioso em todo sistema educacional. As pressões da igreja foram intensas durante todo período da gestão de

³ Sobre a questão do negro no Brasil ver: Fernandes, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. 3ª edição, São Paulo, Ática, 1978.

⁴ Segundo Bomeny (2001b), Anísio e Fernando de Azevedo tinham concepções distintas do que deveria ser a educação Nacional. Para Anísio, a reforma tinha que democratizar a educação, partindo do princípio de reconhecimento do senso comum. Para Fernando de Azevedo cabia à elite o papel civilizador das massas. O primeiro é ligado às concepções americanas de educação (John Dewey), o segundo é fiel à tradição francesa.

Gustavo Capanema⁵ no Ministério da Educação e Saúde (1934- 45). Os pioneiros foram acusados de comunistas e de serem partidários de doutrinas contrárias ao interesse nacional. O fechamento da Universidade do Distrito Federal (UDF), em 1939, foi decorrente da reação católica liderada por Alceu Amoroso Lima contra Anísio Teixeira e os Pioneiros.

A partir da década de 1940, no período do pós-guerra, os setores intelectuais da sociedade começam a pressionar o governo pela democratização do ensino. A idéia da educação acessível a todas as camadas sociais ganha visibilidade com o Estado de Bem-Estar Social. O Estado deveria garantir, como um direito inalienável, a educação para todos. Com a constituição de 1946, começam os debates em torno de uma legislação de diretrizes e bases da educação nacional E em 1948 entra em discussão no Congresso Nacional um projeto de lei nesse sentido.

Em 1959, os Pioneiros da Educação Nova redigem e assinam um novo manifesto, *Manifesto dos educadores: Mais uma vez convocados*⁶. Nessa época, o debate foi mais amplo e não só a Igreja Católica⁷ manifestou-se contra o projeto de lei dos pioneiros, mas vários segmentos da sociedade. A questão principal já não era a inclusão ou não do ensino religioso na educação do povo, mas se o Estado deveria ou não ter o monopólio da educação, se podia definir ou não um padrão de ensino nacional. Esses setores que iam contra a tutela do Estado sobre a educação nacional, os chamados privatistas, foram representados por Carlos Lacerda no Congresso.

As discussões se inflaram, principalmente através dos principais jornais do país. Muitas instituições declaram publicamente seu apoio aos Pioneiros, principalmente a Anísio Teixeira que foi o educador mais atacado pelos setores privatistas da sociedade. Nesse momento começa o *Movimento em Defesa da Escola Pública*, que mobiliza toda a sociedade, principalmente os intelectuais, em defesa de uma educação pública nacional, de uma escola pública, gratuita e laica.

É neste contexto que o antropólogo Darcy Ribeiro se envolverá na vida pública brasileira, envolvendo-se diretamente com a temática da educação. Assim esse estudo reconstituiu sua trajetória pública, trazendo todos seus embates em prol do ensino superior brasileiro até 1970, e analisará como a questão educacional foi tratada nesse período.

A Campanha em Defesa da Escola Pública e o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais

Na década de 1950, Anísio Teixeira era diretor do INEP⁸, órgão vinculado ao Ministério da Educação. Nesse período, em função da Campanha em Defesa da Escola

⁵ De fato, foi no Ministério de Gustavo Capanema que se institucionalizaram políticas reclamadas há muito tempo. Entre as reformas destacamos: a Reforma do ensino secundário (1942), a Reforma Universitária, que determinou um padrão nacional de organização do ensino superior, a nacionalização do ensino, a criação do Sistema de Ensino Profissional (Senac, Senai, Sesi, Sesc). O que faltou foi legislar sobre o ensino primário e o ensino normal.

⁶ Nesse segundo manifesto redigido novamente por Fernando de Azevedo, 189 pessoas assinaram.

⁷ A Igreja Católica, nesse momento, já não era um grupo homogêneo conservador, tinha surgido no interior da organização outros segmentos, como a teologia da libertação, que deram um novo conteúdo às demandas da Igreja Católica. (BOMENY. 2001b: 55)

⁸ Anísio Teixeira dirige o INEP, paralelamente às suas atividades na CAPES. Desde 1938, quando o INEP, foi

Pública, e do projeto dos Pioneiros de Diretrizes e Bases da educação, sofre muitos ataques dos segmentos que defendiam as redes privadas de ensino. Foi nesse momento que Darcy Ribeiro se aproximou de Anísio Teixeira. A partir do encontro com Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro se aproxima da temática educacional. Conforme Bomeny (2001b, p.46): “duas personalidades fortes, públicas, uniram-se no ideário da escola pública, o que pôde representar para Darcy a encarnação do povo em seu projeto missionário de *salvar o Brasil*”.

Dentro do INEP, surgiu o projeto de criar o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, que teria uma rede de centros regionais onde vários educadores e cientistas sociais pesquisariam sobre temas brasileiros, especificamente sobre a educação nacional. Em 1955 é criado o CBPE, no Rio de Janeiro e as sedes regionais em São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul. Conforme Darcy Ribeiro (1995, p.34) “O projeto ambicioso de Anísio era, com esses Centros, prover recursos, para forçar as universidades brasileiras a assumir responsabilidades no campo educacional (...)”.

Darcy Ribeiro já trabalhava com Anísio Teixeira no CBPE, quando este teve que se afastar do MEC, pela pressão que os Bispos católicos e Carlos Lacerda⁹ fizeram ao Presidente da República, Juscelino Kubitschek. A questão central deste período e também posteriormente, era o debate da Lei de Diretrizes e Bases. Nesse episódio, Darcy Ribeiro escreveu um artigo polêmico, publicado no *Correio da Manhã*, com a assinatura de Anísio, intitulado “*Sou contra X Sou a Favor*”¹⁰. A repercussão do artigo foi tão grande, que exigiram que Anísio voltasse para o INEP, e de fato, foi o que ocorreu (RIBEIRO, 1995).

Os debates sobre a LDB, e sobre a necessidade de criar uma universidade continuavam no CBPE. Nesse centro, Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes e Oracy Nogueira conduziam pesquisas de bases sociológicas que denunciavam os problemas brasileiros (BOMENY, 2001b).

inaugurado, teve um caráter experimental. O primeiro diretor foi Loureiro Filho, que realizou alguns estudos relacionados à documentação e à pesquisa educacionais, como também publicou a *Revista de Estudos Pedagógicos*. Em 1946, o Professor Murilo Braga assume a diretoria do INEP, nesse momento a tarefa do INEP era planejar tipos de prédios para grupos escolares, escolas isoladas, etc. Quando Anísio Teixeira assume o INEP introduz estudos e pesquisas sobre educação para dar suporte administrativo ao MEC. Também criou novas campanhas de educação como a CALDEME (Campanha do livro didático e Manuais de ensino) e a CILEME (Campanha de inquéritos e levantamento do ensino médio e elementar). Sobre isso ver Geribelo, Wanda Pompeu. Anísio Teixeira: Análise e sistematização de sua obra. São Paulo, Atlas, 1977.

⁹ A partir daí começa o confronto público de Darcy Ribeiro e Carlos Lacerda. Este escreveu vários artigos na *Tribuna da Imprensa* contra Darcy Ribeiro, sempre afirmando que Darcy Ribeiro não entendia nada de educação, que era um mero doutor de índio. Lacerda insistia que Darcy fosse debater com ele, mas quando Darcy Ribeiro mandou marcar programa na televisão, que ele iria, Carlos Lacerda não apareceu. Darcy Ribeiro compareceu ao debate e debateu sozinho, para uma cadeira vazia, que representava a ausência de Lacerda (RIBEIRO, 1997).

¹⁰ Em sua autobiografia *Confissões* (1997), Darcy Ribeiro comenta como fez o artigo. Ele quis mostrar o que Anísio Teixeira era contra e o que era a favor. Desse modo, *Anísio Teixeira* era contra: a educação elitista e antipopular, o analfabetismo da maioria dos brasileiros, a evasão e a repetência na escola, a falta de consciência dessa calamidade, o caráter enciclopédico e ostentatório do nosso ensino, o funil que deixa cinco por mil dos alunos chegarem a Universidade, o esvaziamento do ensino superior, a multiplicação de escolas privadas e ruins. *Anísio Teixeira* é a favor: de uma escola primária popular e séria, da educação média formadora do povo brasileiro, do uso dos recursos públicos nas escolas públicas, da educação para o desenvolvimento econômico e social, da educação fundada na consciência lúcida. (pág. 233)

Como já foi citado anteriormente, foi no Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional do Rio de Janeiro que Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira começam a projetar a Universidade de Brasília. Pensar o projeto se tornou possível porque Darcy Ribeiro começou a trabalhar no Governo escrevendo as mensagens presidenciais de Juscelino Kusbitshek¹¹. Conforme depoimento de Darcy Ribeiro ao CPDOC/FGV em 1978:

Eu injetava as idéias e o Ciro dava a forma. Então, as minhas idéias mais a forma do Ciro deram uma coisa muito bonita no governo de Juscelino (...) O governo de Juscelino fez Brasília, essas coisas bonitas todas, mas evidentemente deixou apodrecer o resto, os Ministérios. A tática de Juscelino foi deixar os Ministérios, inclusive o da educação, apodrecerem e pôr todo o dinheiro que ele podia no Programa de Metas, para fazer fora da administração alguma coisa.

Desse modo, Darcy Ribeiro ressaltava que, a partir das mensagens presidenciais que ele e Ciro do Anjos elaboravam, Juscelino legitimava sua ação enquanto presidente, e desse modo tinha um espaço aberto para investir no que quisesse e no que lhe deve maior visibilidade enquanto político, optando por não ter um trabalho conjunto com os Ministérios. Darcy continua seu depoimento:

Então, foi um exercício que eu fiz durante muito tempo, que era pôr palavras na boca de poderoso. Se você fazia um discurso que o Juscelino lesse, você tinha orgasmo naquele dia. O Juscelino lendo o seu discurso dava a impressão de mudar tudo. Depois, você vê que o Juscelino lia com a mesma irresponsabilidade com que você escrevia. (...) Nisso é que sou incumbido e, nesse ambiente, é que começo a planejar a Universidade de Brasília.

Portanto, a partir das pesquisas dos Centros de Pesquisas Pedagógicas e do encontro nunca mais reeditado entre educadores e cientistas sociais que a educação no Brasil começa a ter um tratamento diferenciado. E partir desses espaços criados pelo Centro volta-se a pensar a criação de uma universidade diferenciada das escolas isoladas que existiam até então. Ao mesmo tempo, isso demonstra que o projeto abortado da Universidade do Distrito Federal (UDF) de Anísio Teixeira ficou no imaginário dos que vão lutar para criar uma nova Universidade que traga um pouco do projeto sonhado nos anos 30 por muitos intelectuais brasileiros¹².

A criação da UNB e o Movimento pela Reforma Universitária

A primeira reação de Darcy Ribeiro em relação à construção de Brasília foi negativa. Quando Juscelino começou a falar da construção de Brasília publicamente,

¹¹ Darcy foi indicado para esse trabalho por Ciro dos Anjos que era subchefe da Casa Civil para Cultura e Educação, e que também era conterrâneo de Darcy.

¹² É importante ressaltar, que quando se projetou e fundou a Universidade do Distrito Federal, e até a USP, era um período de grandes expectativas democráticas, assim como foi à década de 50 e início dos anos 60, quando surgiram instituições com o CBPE. Nesse período recomeçam os discursos em defesa de uma educação popular no Brasil e se começa a projetar uma nova Universidade distinta do padrão de escolas superiores brasileiras.

Darcy Ribeiro foi entrevistado pela TV Tupi para falar sobre os planos do presidente. Nessa entrevista Darcy Ribeiro declarou que melhor do que construir Brasília era retomar o projeto de Couto Magalhães, que era de se criar uma segunda costa brasileira¹³.

As declarações de Darcy na imprensa tiveram muita repercussão, por isso Juscelino quis conversar com ele. Num certo momento, Darcy acabou concordando com Juscelino que o ato político a seguir devia ser a construção de Brasília, porque para isso já havia um grande apoio nacional. Desse modo, Darcy Ribeiro abandonou a oposição ao projeto e começou a participar da construção de Brasília, com seus amigos Oscar Niemayer e Lúcio Costa. Em 1960, Darcy Ribeiro foi designado, por decreto, juntamente com outros pesquisadores¹⁴, para planejar a Universidade de Brasília. ¹⁵ Conforme Darcy em entrevista para o CPDOC/FGV (1978):

Começa, então, uma das coisas que eu considero como a aventura espiritual mais bonita, mais generosa da intelectualidade brasileira. Um projeto de repassar, passar a limpo a cultura do mundo, passar a limpo o saber, passar a limpo a ciência, passar a limpo a erudição. E tentar definir o quê que a erudição, o saber, a ciência podiam das para nós. Então Brasília foi uma tentativa radical de repensar a Universidade, esta instituição velha, vetusta, de mil e tantos anos, essa vaca importantíssima. (...) Era preciso repensar a vaca. O repensamento tinha bases. Por exemplo, tinha o Anísio, que tinha repensado a Universidade Mundial, na primeira tentativa de fazer uma Universidade séria, que foi o projeto dele na Universidade do Distrito Federal.

Foi assim que surgiu a UNB, e para Darcy era a oportunidade para começar, na prática, a reforma universitária. Ela foi criada com a mudança da sede do governo federal para uma cidade especialmente edificada para recebê-lo, onde não poderia faltar um centro cultural e científico. Para Anísio Teixeira devia-se fazer em Brasília um instituto de Pós - Graduação, e não uma Universidade comum. Darcy Ribeiro (1978, p.35) desde o início quis uma Universidade que desse ensino graduado, até porque, segundo ele, “a Pós - Graduação nunca se deve fazer onde não se fazem à graduação”. Assim, como a idéia era criar uma universidade onde também, além do ensino, se fizesse pesquisa, não tinha sentido separar os dois níveis de ensino.

A Universidade de Brasília teria um nível de excelência em todos os campos do saber. Pois, conforme depoimento de Darcy Ribeiro (1978, p.45), “se você tivesse uma

¹³ Darcy falava em ligar com um canal o sistema Tocantins-Araguaia com o sistema Paraná - Paraguai, criando uma nova Costa brasileira, instalada numa via navegável que iria de Belém a Buenos Aires. A idéia dele era ir desapropriando as terras ao longo dessa via para implantar lavradores pobres.

¹⁴ Darcy Ribeiro foi nomeado chefe da comissão de estudo para a criação da Universidade de Brasília. Os outros integrantes foram: Ciro dos Anjos e Oscar Niemayer. Decreto N. 48.599, de 25 de julho de 1960 que institui essa comissão. O projeto de lei relativo à instituição da Universidade de Brasília é o N. 1.890, de 1960.

¹⁵ Conforme depoimento de Darcy Ribeiro ao CPDOC/FVG (1978), o engenheiro Israel Pinheiro foi contra a idéia de se montar uma Universidade em Brasília, porque a cidade tinha que ser a capital de um País tranqüilo, da ordem e progresso, por isso duas coisas não podiam existir em Brasília: operários e estudantes. Isso porque os primeiros poderiam se organizar em núcleos operários e os segundos poderiam fazer agitações. A princípio Juscelino foi influenciado por essas idéias, mas posteriormente, por influência de Vitor Nunes, descobriu que assim como Jefferson, um dos pais dos EUA, que fundou a Universidade da Virgínia, poderia ser lembrado como o fundador da Universidade de Brasília, ou seja, isso poderia ser o seu maior feito.

Matemática boa ao lado de uma Física boa e de uma Química boa, era mais provável que surgissem quadros capazes de usar o pensamento científico para tratar da problemática nacional”. Desse modo, os institutos centrais, contariam com as faculdades profissionais. Para Darcy isso se revelava muito importante, porque desobrigava as faculdades profissionais de tratar da matéria científica formativa básica, deixando isso para os Institutos, e essas faculdades davam apenas a formação profissional, depois que o estudante, passou pelo Instituto e optou por seguir uma carreira profissional. Como primeiramente todos os estudantes passariam pelos Institutos, as faculdades só seria construída depois.

Assim, Darcy Ribeiro e os outros pesquisadores, que planejavam a UNB, projetavam uma universidade integrada, através dos institutos centrais, distinguindo os órgãos dedicados à formação profissional e os de preparação científica e humanística, com órgãos complementares, voltada à pesquisa, com um *campus* próprio, com ensino de graduação e pós-graduação. Ou seja, a UNB seria uma Universidade de novo tipo, com estruturas novas e uma concepção de ensino e pesquisa inovadores em termos mundiais.

Enquanto se elaborava o projeto da Universidade de Brasília, a Igreja Católica, representada por Dom Hélder Câmara, manifestou ao presidente Juscelino Kubitschek o interesse de construir uma Universidade Católica em Brasília. O argumento para essa reivindicação era que os Jesuítas estavam dispostos a fazer a Universidade em Brasília e que a principal Universidade de Washington era católica. Juscelino disse para Darcy Ribeiro, que entre a Universidade que Darcy estava projetando e a dos Jesuítas, lavava as mãos. O que significa, para Darcy Ribeiro (1978, p.56) que conhecia muito bem o presidente, “que ele já tinha passado para o lado dos padres”.

Darcy Ribeiro se deu conta que “para tratar com jesuíta só os cães de Deus: os dominicanos” e foi atrás deles. Procurou frei Mateus Rocha e pediu para ele ir a Roma, falar com o Papa, e dizer ao Papa, em nome de Darcy Ribeiro, que no Brasil já havia oito Universidades Católicas, que formavam bons profissionais, mas não formavam Teólogos. Portanto, ele pretendia fundar numa Universidade do Estado, um Instituto de Teologia Católica, desde que o Papa apoiasse a Universidade de Brasília.

O Papa João XXIII aceitou e, nesse momento, Darcy Ribeiro procurou o Presidente e mostrou que não existia mais oposição nenhuma, mas com um detalhe: a Universidade de Brasília iria ter um Instituto de Teologia. Nesse momento foi retomado o projeto da Universidade de Brasília. O projeto do Instituto de Teológica começou a ser feito pelos dominicanos, orientados pelo frei Matheus Rocha.

No dia da inauguração da capital, Juscelino mandou o projeto de Brasília para apreciação na Câmara. O projeto já estava pronto no ano anterior, mas Juscelino ficou enrolando, em função de uma certa oposição feita ao projeto por Israel Pinheiro. A partir desse momento, Darcy Ribeiro trabalha diretamente com as várias comissões da Câmara dos Deputados, para conseguir a aprovação da lei da Universidade de Brasília, trabalho o qual ele conta com a ajuda de San Tiago Dantas que deu forma ao Projeto de lei, instituindo a Universidade como uma organização não-governamental, livre e autônoma, de forma experimental e dotada de imensos recursos para constituir-se e para funcionar. (RIBEIRO, 1995)

Quando Jânio Quadros foi eleito, também nomeou Darcy Ribeiro, por decreto, para projetar a Universidade e acompanhar a tramitação no Congresso¹⁶. Em 1961, Jânio renunciou ao posto de Presidente da República. Como Darcy Ribeiro estava em Brasília ficou sabendo da renúncia na hora. Desse modo, foi para o Congresso, porque acreditava aquele era o momento exato de fazer o projeto ser aprovado, pois o plano da Universidade de Brasília estava no número 18 da ordem do dia, o que podia levar um ano, ou dois para ser aprovado.

Quem presidia a Câmara naquele dia, era o Deputado Sérgio Magalhães. Todos os Deputados estavam discutindo a renúncia e não queriam sair com medo de que os militares fechassem o Congresso. Darcy Ribeiro aproveitou a situação e pediu para Sérgio Magalhães botar em votação o projeto da Universidade de Brasília. Darcy Ribeiro narra a reação de Sérgio em entrevista ao CPDOC/ FGV (1978):

Ele disse: você é louco, tarado. O que é isso: Que história é essa de Universidade de Brasília, numa hora dessas, num dia desses. Eu disse: Sérgio, juízo. É hoje, vocês precisam provar que esse Congresso existe e funciona, porra! Põem aí. Ele aí percebeu. Político é bom por isso. Pega na hora!

Para Darcy Ribeiro aquela era a hora de fazer aquilo, pois organizaria o Congresso e o pensamento de todo mundo. Sérgio Magalhães o aconselhou a ir procurar algum líder e pedir para botar na ordem do dia o projeto da Universidade de Brasília. Darcy Ribeiro aliou-se com Josué de Castro, que após uma rápida explicação de Darcy, entendeu do que se tratava e botou o projeto em discussão. Apesar da forte oposição de Raul Pilla (PL), Josué de Castro assim se manifestou:

Sr. Presidente, data vênha da argumentação apresentada pelo nobre Deputado Raul Pilla, creio que o País não pode parar, principalmente esse Parlamento de legislar, pelo fato de que haja sobressalto ou crise no País. A maneira mais eficiente de que este Parlamento se afirme é que continue a trabalhar e vote, discuta, examine os problemas ou projetos. Como reconhece o nobre Deputado Pilla, o projeto é da mais alta importância, tanto que foi discutido e aprovado em primeira discussão. Cuida ele de equipar a Capital, até hoje tão desguarnecida de sua função cultural, de uma Universidade. Ademais é a primeira Universidade de estrutura autenticamente universitária, pela qual se procura dar outro nível ao problema da pesquisa no Brasil, em moldes consentâneos com as aspirações de um País que quer se desenvolver e só

¹⁶ Decreto N. 50.732, de 6 de junho de 1961 - Cria a Comissão de planejamento da Universidade de Brasília. É instituída, junto à presidência da República, a comissão de Planejamento da Universidade de Brasília, construída de sete membros sob a presidência do prefeito da Capital Federal e integrada pelos professores: Anísio Teixeira, Paulo Novaes, Almir Godofredo de Almeida e Castro, Celso Furtado, Roberto Herberster Gusmão e Darcy Ribeiro (coordenador geral). Incumbe a Comissão de Planejamento: 1. Promover a criação do plano urbanístico da cidade universitária, 2. Realizar, em colaboração com a CAPES, acordos com organizações estrangeiras e internacionais para obtenção de cooperação técnica e financeira, assim como a programação do aperfeiçoamento do futuro pessoal docente no País e no exterior; 3. Organizar um sistema de bolsas de estudos para jovens residentes em Brasília; Instalar em Brasília um Centro de Documentação.

pode promover esse desenvolvimento dentro de bases sólidas de conhecimento da sua realidade. Daí a importância, daí a pertinência e daí a urgência da aprovação desse projeto.

O projeto foi aprovado na Câmara e foi para o Senado. Quando Hermes Lima era o Primeiro Ministro do governo de João Goulart, Darcy Ribeiro conseguiu que o projeto fosse aprovado, a partir de uma aliança que fez com Filinto Muller. Ele descreve como ocorreu isso em entrevista cedida à Folha de São Paulo (1995):

Ele que era um homem da Direita, gostou muito que um comunista o procurasse. Convidou-me para tomar um chá na casa dele, aliás, acompanhado de um bolo muito gostoso. Passou um tempo e ele me avisou: “Vai para a sessão de amanhã que o senado vai aprovar sua Universidade”. Um Senador do Rio Grande do Sul, Mem de Sá, fez um discurso extremamente eloqüente, dizendo que eu era um homem muito inteligente, muito coerente e comunista. E se era assim, a Universidade seria comunista. O Filinto nem olhou para mim. Botou em Votação e a lei foi aprovada por grande maioria. Convidei Anísio para ser Reitor. Ele se negou, e em função disso, o primeiro Reitor fui eu..

Ao analisar o debate que ocorreu no Senado pode-se dizer que Mem de Sá não fez oposição ao projeto da Universidade de Brasília apenas pelo fato de achar que Darcy Ribeiro era comunista. A questão que se coloca era outra: a autonomia universitária que a Fundação Universidade de Brasília iria ter. Conforme seu depoimento:

O que é importante fixar - esta é a primeira razão que me leva a não aprovar a lei - é que desde o momento que ela seja promulgada, o Congresso não mais terá qualquer contato ou ingerência com a fundação; só tomará conhecimento dela para votar as dotações que a irão manter e, mesmo ao fazê-lo, nem se poderá permitir o luxo de fazer especificações ou discriminações na despesa, não obstante o preceito constitucional determinar que o Orçamento da Despesa obedecerá a rigorosa especificação. Mas não é só o Congresso que perde o contato ou perde qualquer possibilidade de controle de fiscalização sobre essa Fundação, e Universidade; também o Poder Executivo não terá como exercê-lo (...). Assim, é que, promulgada a lei, esse ente nasce e, ao nascer, se emancipa, se torna autônomo e não presta nem dá contas mais, nem ao poder executivo, nem ao legislativo.

Isso se justifica, pois o princípio básico da qual a UNB se fundava era o da autonomia. A lei de sua criação evidenciava que os rumos da Universidade seriam decididos pela comunidade acadêmica. No campo da autonomia didática foi garantido que a Universidade de Brasília não estava adstrita às exigências da legislação geral do ensino superior. Apenas a frequência obrigatória dos alunos, o respeito à duração dos cursos e a manutenção de disciplinas obrigatórias de cada carreira, e a organização da carreira docente, mediante títulos e concursos, seriam coordenados pela legislação vigente.

Assim nasce a Universidade de Brasília, em 1961. Darcy Ribeiro foi o primeiro Reitor e Anísio Teixeira o vice. Quando Hermes Lima foi feito Primeiro Ministro, no regime parlamentarista, Darcy Ribeiro é nomeado Ministro da Educação e Cultura (MEC)¹⁷, e desse modo, Anísio assume a reitoria da UNB e nomeia Frei Matheus Rocha como Vice-Reitor. Enquanto Ministro da Educação Darcy Ribeiro teve o encargo de pôr em execução à lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional de Carlos Lacerda. O projeto de lei original, de 1948, elaborado dentro dos princípios dos *Pioneiros da educação nova*, foi preterido pela Câmara dos Deputados em razão do substitutivo Carlos Lacerda. Darcy conseguiu modificar alguns aspectos emergenciais antes da promulgação lei, mas a aprovação desse projeto de lei, um ano antes (1960) foi o estopim do lançamento oficial da Campanha em Defesa da Escola Pública.

No Ministério da Educação do Gabinete de Hermes Lima, Darcy Ribeiro teve a oportunidade de conviver mais próximo de João Goulart. Quando Jango saiu vitorioso no plebiscito, ele decide mudar todo o ministério e delibera, juntamente com San Dantas, nomear Darcy Ribeiro para ser Chefe da Casa Civil. A princípio Darcy (1997) recusa a nomeação, pois se achava inabilitado para as jogadas políticas ou para o simples convívio político. Jango convenceu-o a aceitar a cargo alegando que precisava de uma pessoa leal e de quem confiasse.

Desse modo, Darcy assume a chefia do Gabinete Civil da Presidência da República. No Gabinete civil, juntamente com João Goulart, começam a projetar a campanha das reformas de base. Para Darcy (1997, p.293) é em função das reformas que eles conseguiram “desencadear o mais ambicioso e profundo movimento reformista da história brasileira, atraindo para ele quase todas as esquerdas não radicais e toda a intelectualidade brasileira.” Começam então as especulações sobre comunistas infiltrados no governo de João Goulart. Segundo Darcy Ribeiro, os principais suspeitos era ele e Raul Ryff, secretário de Imprensa. Assim Darcy decide se afastar do governo.

Em 1964 os militares dão um golpe de Estado e Jango é deposto, exilado do Brasil. Anísio foi afastado de todos os cargos que exercia na administração e no magistério público, sendo então submetido a dois inquéritos Policiais Militares (IPMs), mas ele foi mantido no Conselho Federal de Educação. Apesar de Darcy Ribeiro ter tentado armar uma resistência em favor do regime democrático, ele foi obrigado a deixar o país nos primeiros dias de abril. Desse modo, Darcy se exila no Uruguai e a UNB sofre intervenção militar..

Todo o repensamento sobre o desenvolvimento universitário brasileiro, feito a partir do projeto da UNB, teve intensa repercussão, tanto entre os professores, intelectuais, como entre os alunos, e nesse momento começa a organização do Movimento que reivindicava a reforma universitária. Assim, é possível dizer que, o movimento reivindicava uma Universidade autenticamente brasileira, uma *Universidade nova* que rompesse com as estruturas arcaicas existentes. Portanto, o modelo dessa universidade

¹⁷ Enquanto Ministro da Educação, Darcy Ribeiro determinou 12% do orçamento da União no aperfeiçoamento e desenvolvimento do ensino. Esse percentual estipulado constitucionalmente só foi de fato liberado durante a gestão de Darcy Ribeiro. Nesse período também liderou a campanha do plebiscito pelo presidencialismo.

nova não pôde ser buscado no passado, pois não tínhamos tido, antes da UNB, uma universidade autenticamente pensada nos termos brasileiros¹⁸.

Intervenção militar na universidade de Brasília e o exílio de Darcy Ribeiro

A UNB foi inaugurada em 1962. Nesse momento contava com algumas instalações provisórias e outras poucas definitivas. Existiam três cursos provisórios que seriam posteriormente integrados à estrutura definitiva. Foram chamados de cursos-tronco e constituíram-se o embrião da Universidade¹⁹. A implantação plena da estrutura da UNB estava prevista para 1966. Para tanto, contariam com cooperação de instituições nacionais e internacionais, principalmente no campo da Ciência e Tecnologia²⁰. Apesar de todos os planos, a UNB funcionou até 1964 com sua estrutura provisória.

Apenas no início do ano de 1964 começaram a chegar os cientistas que deveriam abrir os Institutos de Ciências. Nesse mesmo ano, foram matriculados 872 alunos e a Universidade contava com 87 professores. O entusiasmo do início de implantação do projeto começou a ser destruído com o primeiro choque que receberam em Abril de 1964, quando a UNB foi eleita como um dos alvos da Ditadura Militar. Desse modo, diminui o ritmo de sua construção, e a Universidade entra numa crise crônica de recursos, e uma luta política que iria até 1968 (APARECIDA, 1995).

Nesse contexto, o movimento pela reforma universitária, reivindicava a democratização das Universidades Brasileiras, através da ampliação da representação estudantil para 1/3 nos órgãos colegiados. Assim, a modernização do sistema universitário era colocada como uma das premissas para o desenvolvimento do País, assim como foi

¹⁸ Historicamente, o desenvolvimento do ensino superior no Brasil foi diferente dos outros países da América Latina. A Universidade Brasileira nunca foi considerada uma instituição central, como as Ibero-americanas que com a independência foram transformadas em instituições nacionais. Enquanto na Espanha foram implantadas universidades desde o século XVI, o Brasil optou pelo ensino profissional somente a partir do século XIX, criando um conjunto de faculdades e escolas estatais. Assim como outras instituições, o ensino Superior brasileiro foi transportado da Europa e adaptado às condições locais. E como em Portugal as primeiras instituições de ensino superior são criadas a partir do século XIX, o Brasil chegou à independência sem nenhuma Universidade. Na ausência de Universidades, as elites brasileiras formavam-se através da Universidade de Coimbra, ou dos Seminários. A Universidade de Coimbra, através de sua faculdade de Direito, teve um papel fundamental na formação da elite brasileira e da criação do Estado Nacional. Os Seminários de Olinda e de Mariana tiveram um papel importante na formação da elite religiosa brasileira, principalmente na atuação dos padres nas rebeliões pela independência influenciadas pelas idéias liberais americanas e francesas. Com o estabelecimento da República brasileira (1889) começa o lento processo de implantação da Universidade brasileira. No início da república são propostos diversos projetos de universidades regionais, mas o que se torna modelo de uma universidade moderna é a Universidade de São Paulo, fundada em 1934. Nessa época as Universidades da América Latina sofreram influência do movimento de reforma universitária de Córdoba. O modelo dominante na América espanhola consistia em uma instituição nacional, laica e autônoma, enquanto que no Brasil a Universidade era regional, pública; laica e não autônoma. Ela foi criada a partir da fusão das faculdades profissionais isoladas (Direito, Medicina e Politécnica) com a nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Mas conforme adverte Héglio Trindade (1998, p.50): “O Brasil esteve fora do processo universitário quando o tema principal do debate, no século XIX, era a nova Universidade, devotada à pesquisa e a ciência. (...) Da mesma forma vai ignorar durante meio século a reforma de Córdoba”.

¹⁹ Os cursos eram: Direito, Economia e administração, coordenados pelo professor Vitor Nunes Leal, Arquitetura e urbanismo, sob a direção de Oscar Niemayer e Lúcio Costa, e Letras que abrangia a licenciatura em línguas e literatura vernácula, como também redator em jornal, rádio, televisão, coordenado por Ciro dos Anjos.

²⁰ Nesse período, por exemplo, na área da Física, havia a colaboração do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) e o entendimento com o fundo especial da ONU para financiamento, preparo de docentes, equipamentos e biblioteca. Na área da Química estava prevista a associação, por dez anos, com o Departamento de Química da Universidade de Indiana (EUA).

o argumento que justificava a criação da UNB. Dois meses após a instalação da UNB, foi criado o primeiro órgão de representação estudantil, o Diretório Acadêmico da Arquitetura (DACAU) e, logo em seguida, outros foram sendo criados. Mais adiante surge a Federação dos Estudantes Universitários de Brasília (FEUB). Em julho de 1962, foi deflagrada a primeira greve dos estudantes, liderados pelo DACAU, em solidariedade à greve geral do terço. .

Assim como os estudantes que se organizaram rapidamente, os professores também. Em 1963, descontentes com a morosidade da implantação do estatuto aprovado no ano anterior, delineou-se um descontentamento com a direção da universidade, representada por Anísio Teixeira. Os professores reivindicavam por medidas mais rápidas no processo de institucionalização, com a instalação de órgãos de decisão coletiva. (APARECIDA, 1995)

Nesse momento, foi criada a primeira entidade de representação docente, a associação dos Professores Universitários do DF. A movimentação política dentro da Universidade começou a preocupar alguns setores extra-universitários em relação à posição ideológica dos professores. Certos deputados chegaram a pedir uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPIs) para analisar a suposta orientação ideológica dos professores.

Nove dias após o golpe militar, em Abril de 1964, a UNB foi ocupada pelas tropas da polícia Militar de Minas Gerais. Nesse momento, vários professores e alunos foram presos e foi instaurado um inquérito policial militar no *campus* (IPM) para apurar a subversão dos alunos e professores. Este IPM foi arquivado por falta de consistência das denúncias, e posteriormente, foi nomeado o professor Zeferino Vaz, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, como interventor²¹.

Em 1965, diante da possibilidade de demissão do professor Ernani Maria Fiori, por pressão militar, o confronto entre a reitoria e o corpo docente se acirra e desencadeia-se o movimento pela defesa da autonomia universitária. É importante ressaltar que a comunidade acadêmica entendia que a origem da crise encontrava-se fora da universidade, por isso davam apoio ao Reitor Zeferino Vaz, mas mesmo assim ameaçavam a demissão em massa caso outro professor fosse demitido. E o próprio reitor era visto pelos de fora, pela imprensa e pelo governo, como um reitor que não conseguia controlar o movimento e manter a ordem dentro da Universidade.

Em agosto, depois de uma audiência com Castelo Branco, Zeferino anuncia sua renúncia. Nesse momento, os instrutores aderiram à greve dos alunos e denunciaram a

²¹ Como Reitor, Zeferino Vaz procurou se comprometer com a comunidade acadêmica, através do diálogo e anunciando que os professores presos seriam libertados. Também comprometeu com a continuidade do projeto de Darcy Ribeiro, o que não agradou alguns segmentos da sociedade. Nesse sentido, um grupo liderado pelo Deputado Abel Rafael, que já havia denunciado a subversão na UNB, e contando com o apoio do Ministro da Educação Flávio Suplicy de Lacerda, como também da imprensa, passou a atacar o Reitor Zeferino Vaz para que ele agisse como um legítimo representante da Revolução ou deixasse a reitoria. Zeferino Vaz em nota oficial comunica à comunidade acadêmica que havia informado ao MEC sobre a demissão de nove professores por motivos ideológicos e incompetência. Em maio afirmava que o expurgo na Universidade estava concluído com o afastamento de 16 professores e um aluno. Segundo o Ministro, isso não bastava, pois, para ele, a UNB deveria passar por uma reestruturação, já que não poderia ser considerada uma Universidade Padrão, e assim, o inquérito que ocorria na instituição deveria apontar uma nova lista de docentes subversivos a serem demitidos. Frente a isso, os estudantes mobilizaram-se, através das FEUB, exigindo a readmissão dos professores e denunciando o clima de terrorismo-cultural implantado no País.

falta de condições para o trabalho, a exclusão de professores, a prisão dos alunos, a retenção de verbas e a intromissão dos militares na Universidade. No final desse mês, em um manifesto assinado por 117 professores, o corpo docente reivindicou a convocação do conselho Diretor para tomar decisões e colocar em prática a estrutura definitiva da Universidade. O Conselho Diretor reuniu-se e empossou o novo Reitor, Laerte Ramos de Carvalho, que era professor da USP.

Quando a demissão do professor Roberto de Las Casas²² foi ameaçada, os coordenadores apresentaram o pedido de demissão coletiva. Em outubro, os alunos mantinham a greve, e os professores declararam-se em Assembléia permanente. Desse modo, o Reitor suspendeu as atividades acadêmicas e solicitou ao Departamento Federal de Segurança Pública o envio das tropas policiais para manutenção da ordem e a preservação do patrimônio. Os policiais ocuparam a Universidade por uma semana.

Ainda em outubro foram demitidos mais 18 professores e houve um pedido de demissão coletiva de 209 professores e instrutores. O Reitor deu 24 horas para que cada um dos professores desse entrada no pedido de demissão individual. Assim, o processo de dispensa durou até 1966, e nesse período, a Universidade ficou praticamente sem nenhum professor, e dos que permaneceram dezoito tinham sido recém chegados na administração de Laerte Ramos. Para Darcy Ribeiro, conforme depoimento dado ao CPDOC/ FGV (1978), a reação dos professores pedindo demissão em massa foi um dos episódios mais bonitos da história brasileira e gerou uma nova situação:

Então a Universidade foi refeita com a chamada *prata da casa* que é, também, uma *merda da casa*. Quer dizer, quem havia ali de deputado, doméstica de deputado, vereador do subúrbio de Goiânia (...) Toda aquela gente foi arrebanhada para substituir os professores, que formavam a melhor equipe que a Universidade já teve no Brasil. Naquele dia saltaram uns 230, e nós tínhamos levado 280.

A administração de Laerte Ramos durou até novembro de 1967, não conseguindo reverter à situação. Os estudantes, em 1967, deflagraram outra greve, no instituto de Artes e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, fechando essas unidades por vários meses. Em 1967 assume a Reitoria Caio Benjamim Dias, um médico de Minas Gerais. Este juntou uma equipe e introduziu o discurso sobre o planejamento da UNB. Para tanto, no ano de 1968, foi feito um diagnóstico geral da UNB e foi aprovado o segundo estatuto da Universidade. Conforme Aparecida (1995, p.48):

Ao final de sua gestão, em 1971, Caio Benjamim Dias afirmava que havia cumprido as metas propostas inicialmente: reforma administrativa, reforma dos cursos de graduação, criação da pós-graduação, restabelecimento da autoridade, renovação da confiança na Universidade, sobre a qual pesava uma descrença e quando não hostilidade dos meios culturais brasileiros. Também procurou promover a vida social da comunidade

²² Roberto de Las Casas se formou como Antropólogo no curso de Pós- Graduação criado por Darcy no Museu do Índio, que mais adiante passou para o CBPE. Portanto, foi aluno de Darcy Ribeiro.

acadêmica com atendimento de alojamento e alimentação, combateu os desvirtuamentos e a indisciplina da liderança estudantil, atendeu às legítimas reivindicações dos estudantes. Informava que sua tarefa inicial foi a recuperação financeira da Universidade e o reinício das construções e, quanto à política de pessoal, procurou recrutar docentes e técnico-administrativos de alta qualificação.

O que Caio Benjamim fez, enquanto Reitor foi colocar em prática as deliberações da lei de reforma universitária de 1968, que instituía os departamentos, a Pós-Graduação, o ensino seriado por semestre e a pesquisa. Para Darcy Ribeiro o plano básico da Universidade de Brasília foi adotado pela lei de reforma universitária de 1968. Conforme ele em entrevista ao CPDOC/ FGV (1978):

A lei da Universidade está calcada na Universidade de Brasília. Então, esses institutos centrais, que eu criei, foram multiplicados. E também a coisa fundamental que eu coloquei em Brasília-coloquei como princípio imperativo, havia tentativas disso antes no espírito norte-americano, mas não de forma imperativa- que foi a articulação total da carreira docente com os graus acadêmicos. (...) Só que há alguns detalhes que a ditadura não pode fazer. É claro que os meus institutos centrais eram institutos centrais de verdade. Não pensei em fazer um curral no instituto central e fizeram currais. Pegaram professores de matemática, que eles tinham no Ceará, ou aqui no fundão ou em Santa Maria, juntaram num curral só e puseram uma placa na frente: Instituto Central de Matemática. Isto não é Instituto Central de Matemática. O Instituto Central de Matemática em Brasília foi aquela instituição que nós íamos criar, que levava dez anos para ser implantada, e que seria capaz de dar, a nível internacional, doutorado.

Para formar os institutos, o governo militar, recrutou professores, que não haviam sido cassados e, portanto, não eram considerados subversivos, das várias regiões do país. Assim, eles “começaram a pegar o gado da casa, laçar o gado que havia aqui no Rio de Janeiro, da pior faculdade, da Faculdade Nacional de Filosofia -como Heremildo e outros- pegar essa gente toda e apelidar isso de Instituto de Filosofia ou Instituto de Ciências Humanas, sem nenhum critério.” Desse modo, “essa gente só é capaz de multiplicar-se a si mesma.” (RIBEIRO, 1978, p.72) Portanto, com os melhores professores cassados, impedidos de se multiplicar, como Oscar Niemayer, Celso Furtado, o projeto universitário brasileiro se degrada.

Quando os militares deram o golpe em 1964, Darcy Ribeiro foi destituído de todos seus direitos políticos e foi demitido do seu cargo de professor na Universidade do Brasil pelo Ato Institucional Número 1 (AI-1).²³ Desse modo, seu primeiro exílio é no Uruguai aonde conduziu programas de Reforma Universitária. Foi contratado pela Universidad de La República para lecionar Antropologia e presidir o seminário de

²³ Darcy Ribeiro foi o quinto da lista de cassação do AI-1, atrás de Luís Carlos Prestes, o primeiro, João Goulart, o segundo; Jânio Quadros, terceiro e Miguel Arraes, o quarto. Leonel Brizola foi o décimo.

reformas da Universidade. Essas conferências introdutórias foram publicadas no Brasil no livro “*A Universidade necessária*”²⁴. Darcy fez vários estudos sobre estruturas universitárias durante seus vários exílios: Na Universidade da República Oriental do Uruguai (1964), na Universidade Central da Argentina (1969\1970), na Universidade do Chile (1970\1971), e nos sistemas universitários da Argélia (1972) e nos do Peru (1973).

Considerações finais

A partir da relação de Darcy Ribeiro com Anísio Teixeira, no INEP, ele elegeu como questão nacional a educação. A partir dessa temática, Darcy começa sua carreira pública, inicialmente no INEP. Nesse momento, defrontasse com vários segmentos da sociedade em defesa dos ideais dos Pioneiros da Educação Nova, movimento o qual ele reivindica uma posição de liderança, a partir do seu enfrentamento público com Carlos Lacerda. Quando Anísio Teixeira criou o Centro Brasileiro de Pesquisas educacionais, órgão vinculado ao INEP, e com sedes regionais em várias universidades do Brasil, ocorreu o encontro nunca mais reeditado entre as Ciências Sociais e a educação. Foi a partir desse centro que educadores e cientistas sociais se envolvem na Campanha em Defesa da Escola Pública, movimento deflagrado em função da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional elaborada pelos pioneiros.

Desta convivência entre educadores e cientistas sociais no CBPE começa o planejamento da criação da universidade de Brasília. Assim, quando surge a oportunidade, através do seu conterrâneo Ciro dos Anjos, de participar do governo de Juscelino Kubitschek que pretendia fundar uma nova capital brasileira, Darcy aproveita. Assim como constrói sua notoriedade pública indo, inicialmente, contra o projeto de Brasília na televisão. Esse é um dos fatos que levam Juscelino a ouvi-lo e a encarregá-lo de planejar a Universidade de Brasília. A partir do planejamento da Universidade de Brasília começa todo um repensar sobre o sistema universitário brasileiro que teve como marco o movimento em prol da reforma universitária, os quais se envolvem tanto os estudantes que reivindicavam 1/3 de participação política dentro da universidade, quanto os professores.

Posteriormente, Darcy Ribeiro manteve-se na política através de João Goulart, uma vez que durante o período parlamentarista foi nomeado Ministro da Educação, e, nesse momento, aprovou o substitutivo de Carlos Lacerda de Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional. Esse fato, que teve grande repercussão entre os meios intelectuais, botou Darcy e Florestan Fernandes em lados opostos²⁵. Quando iniciou o período da Ditadura Militar, Darcy Ribeiro é um dos primeiros exilados, em função de suas atividades no governo de Jango e é realizada a reforma do ensino superior feita pelos militares, o que se traduz no contexto atual, em suas devidas proporções e alterações, na organização universitária brasileira.

²⁴ As edições da Venezuela, Chile e do México tem o título de *La Universidad Latinoamericana*.

²⁵ Para Florestan essa aprovação foi uma traição, e representava a adesão de certos intelectuais à elite dominante brasileira, que sempre teve um apego sociopático ao passado (FERNANDES, 1978).

Referências

APARECIDA, Geralda Dias Aparecida. UnB em dois tempos. IN: Carta: falas, reflexões e memórias/ informe de distribuição restrita do Senador Darcy Ribeiro. N° 14,1995.

BOMENY, Helena. Darcy Ribeiro. A sociologia de um indisciplinado: Editora UFMG. 2001 a

BOMENY, Helena. Os intelectuais da educação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001 b.

FERNANDES, Florestan. A condição de Sociólogo. Hucitec, São Paulo, 1978.

RIBEIRO, Darcy. A Universidade necessária. 5° edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

RIBEIRO, Darcy. DARCY RIBEIRO (depoimento. 1978) Rio, FGV/CPDOC-História oral. 1985.

RIBEIRO, Darcy. Entrevista para a ABA. N. 27

RIBEIRO, Darcy. O pajé da brasilidade. Entrevista para a Folha de São Paulo. Marcos Augusto Gonçalves (Editor). São Paulo, 1995.

RIBEIRO, Darcy. Prólogo. IN: 1961-1995 A invenção da UNB. CARTA: falas, reflexões e memórias/Revista de distribuição restrita do Senador Darcy Ribeiro. N°.14. 1995

RIBEIRO, Darcy. Prólogo. IN: CARTA: falas, reflexões e memórias/Revista de distribuição restrita do Senador Darcy Ribeiro. N°. 15(1995-2)

RIBEIRO, Darcy. Universidade de Brasília. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. V.36, n.8 julho/set.1961.pp.161-230.

SÁ, Mem de. Debates parlamentares- Senado Federal – Projeto de Lei da Câmara N. 122-1961. IN: Revista Carta: falas, reflexões e memórias/ informe de distribuição restrita do Senador Darcy Ribeiro. N°. 14, 1995.

TRINDADE, Hélió. A Reforma Universitária de Córdoba e seu legado simbólico. In: Universidade e Sociedade. Ano VIII 17 de novembro de 1998.